

GÊNERO: PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E FENOMENOLÓGICAS EM EDITH STEIN¹

Clélia Peretti²

Resumo: O presente artigo reflete sobre as questões de gênero no pensamento de Edith Stein (1891-1942), filósofa e discípula de Edmund Husserl. A reflexão verte sobre uma análise fenomenológica do ser humano nas suas diversas dimensões. O artigo explora a contribuição da filosofia da autora para o desenho de uma nova antropologia feminina no interior dos estudos de gênero e propõe uma visão unitária da natureza humana. Trata de seu itinerário especulativo, de sua ativa participação no contexto dos movimentos feministas da época para a entrada da mulher no mundo do trabalho, na vida social e política, quebrando paradigmas de uma cultura androcêntrica voltada para a definição dos valores e das relações tanto pessoais como institucionais. Aponta para o valor da corporeidade como base para o estudo do sujeito na sua singularidade e na sua dimensão intersubjetiva. As diferenças de gênero são indicadas como diferenças essenciais e dizem respeito à estrutura do ser humano.

Palavras-chave: Gênero. Teologia. Fenomenologia. Edith Stein.

Gender: Anthropological and phenomenological perspectives in Edith Stein

Abstract: This article reflects on gender issues at the thought of Edith Stein (1891-1942), philosopher and disciple of Edmund Husserl. Reflecting overhang a phenomenological analysis of the human being in its various dimensions. The article explores the contribution of the author's philosophy for the design of a new anthropology of women within gender studies, and proposes a single vision of human nature. This is your speculative itinerary, their active participation in the actual context of the feminist movements of the time for the entry of women into the world of work, social and political life, breaking paradigms of an androcentric culture dedicated to the definition of values and relations both personal and institutional. Points to the value of corporeity as a basis for the study of the subject in its uniqueness and its intersubjective dimension. Gender differences are indicated as essential differences and relate to the structure of the human being.

Keywords: Gender. Theology. Phenomenology. Edith Stein.

¹ O artigo foi recebido em 08 de março de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 27 de abril de 2010.

² Doutora em Teologia (PPG/EST), Mestre em Educação (PUCPR), Especialista em Gestão de Escolas (PUCPR), Especialista em Educação a Distância (UnB), Licenciada em Pedagogia (LUMSA/Itália) e USC/Brasil), Magistério em Ciências Religiosas (PUA/Roma) e Bacharel em Teologia (PUCPR), Curitiba/PR. clelia_fael@hotmail.com; cperetti@brturbo.com.br. Tel: 041-35282471.

Introdução

Objetiva-se com este artigo apresentar os aportes da filosofia de Edith Stein no debate sobre as questões de gênero na perspectiva de instrumentais de análise tanto na área do conhecimento da teologia quanto de seus desdobramentos para a interlocução com outras áreas do conhecimento. Para tanto, utilizamos os dados da pesquisa realizada no doutorado em Teologia³, no período de 2007 a 2009, no PPG da EST – São Leopoldo/RS. Na tese de doutorado, enfatizou-se a presença de Edith Stein no panorama da literatura feminina da época, sua participação nos movimentos feministas e pedagógicos, sua relevância na escola fenomenológica pela capacidade de transitar nas diversas áreas do saber e pela sua original aplicabilidade do método fenomenológico no estudo da pessoa humana em suas mais variadas dimensões.

A pessoa humana e seu mistério constituem temas dominantes da produção filosófica e teológica da pensadora. Seus escritos oferecem categorias significativas para uma leitura aprofundada das diferentes experiências culturais nas quais é imerso o “ser humano contemporâneo”. O ambiente em que vivemos é profundamente ligado a uma profunda tradição: costumes, ideias e mentalidades. Todavia, no contato com ensinamentos de uma cultura diferente da nossa, aprendemos que existe a possibilidade de olhar do ponto de vista do outro. A fenomenologia coloca-se numa posição interessante desse ponto de vista, pois implica uma atitude crítica, que é a *redução* e a *epoché* para encontrar um critério de orientação. Dessa forma, o ser humano é estudado na sua abertura ao outro e à transcendência. A interpretação dada à complexa estrutura do ser humano remete ao tema da relação entre o masculino e feminino.

A diferença entre o feminino e o masculino é abordada pela autora ao lado da unidade do ser humano, e a forma feminina e masculina não se manifesta só no ritmo constitutivo dos indivíduos, mas investe toda a estrutura de corpo, alma e espírito. Portanto, a diferença entre homem e mulher é compreendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação sexual. “Em cada indivíduo encontramos o elemento masculino e feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas espécies para desenvolver a espécie humana.” Edith Stein indica brevemente no que consistem os momentos fundamentais da distinção entre a espécie masculina e espécie feminina: “A espécie feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas”⁴.

³ PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero**: perspectiva fenomenológica e teológica. 2009. 302f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

⁴ STEIN, Edith. Problemas da formação feminina. In: _____. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Tradução de: “Die Frau, ihre Aufgabe nach Natur und Gnade”.

É nesse ponto que se constata o enxerto entre filosofia e teologia: a diferenciação da espécie proposta pela filosofia responde à finalidade dos sexos assim como é apresentada pela teologia. É sobre essa diferença que a autora se fundamenta para indicar o destino da mulher e do homem, para aprofundar o significado do feminino em relação ao masculino e, conseqüentemente, para abordar a questão da relação entre os dois sexos. Nessa perspectiva, discute a vocação do homem e da mulher, não somente como um *chamado* ou uma *profissão para (berufen)*, mas, sobretudo, como um *chamado* de ordem religiosa: “Existem muitos caminhos pelos quais o chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher”⁵.

A fenomenologia e o estudo do ser humano

Edith Stein, como discípula de Edmund Husserl e membro do Círculo Fenomenológico de Göttingen, interessou-se pela filosofia e pelo método fenomenológico por sua modalidade de compreensão e de análise da realidade. A primeira fase do itinerário especulativo e existencial da filósofa é caracterizada pela profunda assimilação do método e por sua pessoal e original aplicação no estudo das ações do sujeito humano.

Em suas obras, o método fenomenológico é considerado um excelente instrumento de análise para qualquer tipo de realidade: do âmbito das relações intersubjetivas à experiência mística.⁶ As obras *O problema da empatia* (1917); *Psicologia e Ciências do Espírito* (1921)⁷ e *Uma pesquisa sobre o Estado* (1925)⁸ constituem, como afirma Angela Ales Bello, uma trilogia, um conjunto de obras que refletem a importância e a fidelidade ao método fenomenológico. Nos estudos sucessivos, com o subsídio da fenomenologia, abre sua pesquisa para os temas antropológico, metafísico e teológico, temas fundamentais do pensamento ocidental.⁹

“Edith Steins Werke“, v. V, edite a cura di L. Gelber; P. Romaeus Leuven. Nauwelaerts, Lovanio 1959. Tradução Alfred J. Keller. p. 187, p. 206.

⁵ STEIN, Edith. A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça. In: STEIN, 1999, p. 68.

⁶ PEZZELLA, Ana Maria. **Edith Stein fenomenologa**. Roma: Pontificia Universidade Lateranense, 1995. p. 2. (Theses ad Doctoratum in Philosophia).

⁷ STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica**. Roma: Città Nuova, 1996. p. 5. Titolo originale: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. In: Zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p.1-283). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.

⁸ STEIN, Edith. **Una ricerca sullo Stato**. Roma: Città Nuova, 1993. A cura di Angela Ales Bello. Titolo originale: Eine Untersuchung über den Staat. In: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p. 285-407). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione da Tedesco di Angela Ales Bello.

⁹ ALES BELLO, Angela. Presentazione. In: STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito**. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: Città Nuova, 1996b. p. 8. Titolo originale: Beiträge zur

No desenvolvimento de suas obras, revela uma grande evolução intelectual na compreensão e na utilização do método fenomenológico. No *Ser finito e Ser eterno*. Para uma elevação do sentido do ser¹⁰, a utilização do método fenomenológico é importante por duas razões: do ponto de vista teórico e do ponto de vista da história do pensamento. Do ponto de vista teórico trata da impostação geral do trabalho, do tipo de aproximação aos temas e seus consequentes resultados, e do ponto de vista da história do pensamento, lhe dá uma nota característica à sua pesquisa, distinguindo-a das outras tentativas de reutilização do pensamento medieval ou da sua inserção na *philosophia perennis*. Para a filósofa, a fenomenologia apresentava-se como uma espécie de “nova escolástica”, uma ciência rigorosa capaz de se posicionar diante das tendências positivistas e neokantianas da época, assim como a possibilidade de uma releitura do tema do ser em chave aristotélico-tomista. Dito mais explicitamente, a fenomenologia representava um estudo da essência do ser finito e do ser eterno, já numa perspectiva metafísica.

Antropologia filosófica, teológica e metafísica cristã em Edith Stein

O ser humano, para Edith Stein, é investigado com base em uma ciência chamada antropologia.

A antropologia, diversamente da história e das ciências afins, é uma ciência universal do espírito, ciência do homem considerado como pessoa espiritual, parte de uma ampla ciência do espírito, que tem por objeto a estrutura de todas as formas espirituais – comunidade, Estado, língua, direito, etc.¹¹

Cabe à antropologia investigar a humanidade concreta tal como ela se apresenta na realidade da vida e a estrutura constitutiva de ser humano. Para Edith Stein, a “antropologia baseada nas ciências da natureza faliu em relação à individualidade”. Há uma interação muito significativa entre a antropologia

philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. In: Zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p.1-283). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.

¹⁰ STEIN, Edith. *Essere finito e Essere Eterno*. Per una elevazione dell'essere. Roma: Città Nova, 1988. Titolo originale: Endliches und ewiges Sein – Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. “Edith Steins Werke”, v. II, edite a cura di L. Gelber e P. Romaeus Leuven. 3. ed. Freiburg im Breisgau: Herder, 1986. Traduzione dal tedesco di Luciana Vigone e Revisione e Presentazione di Angela Ales Bello.

¹¹ “[...] a antropologia che – diversamente dalla storia e dalle scienze ad essa affini – è una scienza universale dello spirito, scienza dell'uomo considerato come persona spirituale, parte di un'ampia scienza dello spirito, che ha come oggetto la struttura di tutte le forme spirituali – comunità, Stato, lingua, diritto, ecc.” (Tradução nossa). (STEIN, Edith. *La struttura della persona umana*. A cura di Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2000. p. 60. Titolo originale: Der Aufbau der menschlichen Person. Traduzione Italiana di M. D' Ambra).

fundada nas ciências do espírito e a pedagogia. As ciências da natureza faliram também porque não conseguiram decidir sobre o significado com que as formas supraindividuais, como raça e humanidade, revestem a obra educativa. “É tarefa da ciência do espírito empírica, e como tal, orientada ao indivíduo concreto, compreender do ponto de vista espiritual as raças, as tribos, os povos partindo das suas peculiaridades.”¹² É necessário ainda, nesse sentido, estudar também a relação do indivíduo com as formas supraindividuais (família, comunidade, Estado) às quais pertence. Assim é fundamental estabelecer uma diferença entre a visão da antropologia cristã e da antropologia humanística. “A pedagogia constrói castelos no ar se não encontra uma resposta para a pergunta *quem é o homem?*”¹³ Em resposta à pergunta sobre a existência de uma antropologia que possa contribuir na compreensão da individualidade, Edith Stein propõe uma antropologia filosófica¹⁴, uma ciência do espírito considerada como fundamento da pedagogia e base para estudar a estrutura do ser humano e sua inserção nas formas e “nas regiões” do ser às quais pertence.

Uma doutrina geral do ser não pode limitar-se apenas ao ser criado, mas deve analisar também as diferenças entre o ser criado e não-criado e a relação que se dá entre eles. Portanto, seria incompleta e inadequada, como fundamento da pedagogia, uma antropologia que não considere a relação do ser humano com Deus.¹⁵

É sobre isso que trabalha, aprofundando em *Psicologia e Ciências do Espírito* (1922), a parte que se refere à psique e ao espírito, e na *Estrutura da pessoa humana* (1932), a constituição global do ser humano.

Nessa conversão filosófica, Edith Stein sente-se influenciada pela filosofia medieval, coisa que os fenomenólogos desconheciam. Ela observa que existe um

¹² “È compito della scienza dello spirito empirica, e come tale orientata all’individuale concreto, comprendere da un punto di vista spirituale le razze, le stirpi, i popoli movendo dalle loro peculiarità.” (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 61).

¹³ “La pedagogia costruisce castelli in aria se non trova una risposta alla domanda ‘chi è l’uomo?’. Cercare una risposta a questa domanda è compito di una doutrina sull’uomo, di un’antropologia”. (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 54).

¹⁴ Por antropologia filosófica, Edith Stein entende uma ciência das essências e da estrutura eidética do homem, da sua relação com os reinos da natureza (inorgânico, planta, animal) e com o princípio de cada coisa; origem metafísica da essência do ser físico, psíquico e espiritual do mundo; das forças e das potências que agem nele e sobre as quais age; das direções e das leis fundamentais do seu desenvolvimento biológico, psicológico, espiritual e social. Somente uma antropologia poderá dar a todas as ciências que tem o homem como objeto um fundamento último de natureza filosófica e, juntamente, seguros e determinados fins à sua pesquisa (cf. STEIN, 2000, p. 14-16).

¹⁵ “Una doutrina generale dell’essere non può limitarsi all’essere creato, ma deve prendere in considerazione la differenza tra l’essere creato e quello increato e il rapporto che intercorre tra essi. Quindi, sarebbe incompleta ed inadeguata, come fundamento della pedagogia, anche un’antropologia che non prendesse in considerazione il rapporto dell’essere umano con Dio.” (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 63).

grande setor da cultura contemporânea que desconhece a cultura cristã; propõe, portanto, uma pedagogia que tenha por base as “fontes da verdade revelada”.

Depois de sua conversão ao catolicismo, vive uma mudança filosófica: embora permaneça ligada ao pensamento de Edmund Husserl, segundo o qual a filosofia, enquanto saber radical, é ciência no sentido do termo, ela não acredita mais na autonomia absoluta da razão. Diferentemente de Edmund Husserl e Hedwig Conrad-Martius (pertencentes à igreja evangélica), que consideram o período medieval como um período somente dedicado à teologia, ela vê nessa fase também o surgimento de uma filosofia da natureza e, assim como Étienne Gilson, ela assume uma posição de autonomia intelectual.

Inicia assim, para a fenomenóloga, o estudo de Tomás de Aquino e contemporaneamente a leitura de Agostinho de Hipona, desenvolvendo um interesse que a insere cada vez mais no pensamento medieval. É por meio de Tomás de Aquino que ela busca nos estudos sobre a natureza de Aristóteles os fundamentos de sua antropologia filosófica.¹⁶ Para Edith Stein, a antropologia filosófica necessita, por sua vez, da integração com uma antropologia teológica. É da integração da filosofia com a teologia que se eleva o edifício da metafísica cristã, que delineia uma imagem global do mundo real. A mais impressionante construção desse edifício encontra-se no sistema de Tomás de Aquino. Nele, a antropologia assume uma posição central, assim como o ser humano ocupa uma posição central no “cosmo”. O ser humano é “um microcosmo que une em si todos os reinos do mundo criado”¹⁷ e é, contemporaneamente, “aberto ao mundo sobrenatural através da alma espiritual, podendo, elevar-se até atingir os ápices da vida espiritual ou degradar-se”¹⁸. Por isso, “na

¹⁶ VIGONE, Luciana. **Il pensiero filosofico di Edith Stein**. Roma: Città Nuova, 1973. (Para a autora, Edith Stein faz um processo inverso daquele utilizado por Tomás de Aquino nas *Questiones de veritate*. Tomás de Aquino parte da verdade divina e termina com o conhecimento humano; Edith, ao invés disso, parte da fenomenologia para chegar à ontologia. Sua produção leva o leitor para além do pensamento tomista quando afirma com insistência que todas as criaturas, e não somente o homem, são imagens de Deus: é esta a linguagem mais próxima a Santo Agostinho, de Cusano, de Santa Teresa D’Ávila e de São João da Cruz).

¹⁷ O termo “microcosmo” é usado por Edith Stein no texto “*La Struttura della Persona umana*”, para indicar o ponto de chegada de sua pesquisa. Aborda o conceito de “individualização do ser humano como organismo vivente” (Capítulo III, II, p. 76-77); pertencente ao mundo vegetal (Capítulo III, II, 5, p. 81-83) e ao mundo animal (Capítulo IV), possuidor de uma específica estrutura pessoal. Análise do mundo natural é descrita nas suas estruturas essenciais segundo o método fenomenológico e concorda com as indicações de Tomás de Aquino dos graus do cosmo, e estes, conectados assim como são dão uma justificativa última de tipo metafísico que a fenomenologia clássica não havia considerado. As estruturas e as hierarquias das formas naturais, hierarquias conexas com o tema da criação admitida por Husserl, mesmo que não utilizada diretamente para reconhecer os graus do ser. Temos nesta obra uma primeira ideia dos níveis que constituem o reino dos seres vivos e o ser humano como microcosmo, estão sintetizados numa unidade todos os níveis: vivente-animado-espiritual. (ALES BELLO, Angela. Presentazione. In: STEIN, 2000, p. 17).

¹⁸ A expressão “ser humano como microcosmo” tem sua origem no renascimento italiano com Marsilio Ficino e por Pico della Mirandola. “*L’essere umano racchiude in sé tutti gli aspetti e i momenti del mondo naturale e, contemporaneamente, è aperto a quello soprannaturale attraverso l’anima*

antropologia convergem todas as questões metafísicas, filosóficas, teológicas e dela partem as estradas para diferentes direções”¹⁹.

Dessa forma, Edith Stein não abandona o patrimônio conceitual medieval, pelo contrário, busca elementos essenciais nessa tradição para proceder à análise do ser humano do ponto de vista biológico, psíquico e espiritual. *Na Estrutura da pessoa humana* (1932), chama atenção sobre a necessidade de uma nova significação dos conceitos de matéria e forma e de suas relações. Refaz-se à hierarquia dos seres humanos, utilizada por Tomás de Aquino (cosmologia) para falar da estrutura do ser humano. Evidencia a intenção mais profunda do pensador medieval quando faz referência ao ser humano como microcosmo e ao conceito de forma e de alma como forma substancial. Para explicar a relação existente entre a forma substancial e a alma, introduz o conceito de *força vital* como princípio de animação e de formação do organismo e aquilo que diferencia os organismos das outras coisas materiais (coisas mortas). “A força vital, a alma faz do corpo humano um *organismo*. Quando cessa a vida nele, continua sendo uma coisa material como as outras.”²⁰

Possuir uma alma significa “possuir um centro interior” para onde converge sensivelmente tudo aquilo que provém de fora e de onde partem as atitudes do corpo vivente. Há nesse núcleo um espaço de troca entre sensações, reações e impulsos. A alma fala por meio do corpo vivente. É no corpo vivente que se dá a manifestação da interioridade; nele, o ser humano manifesta seu caráter e seu modo de ser. O corpo vivente é expressão da interioridade. A alma é vida e a vida é a força vital que se articula na força psicofísica e espiritual. É o modo de ser peculiar de cada um que se manifesta na sua estrutura corpórea animal e no seu “caráter” psíquico, constituindo a natureza da espécie. Os indivíduos são exemplares imperfeitos ou menos completos da espécie e se distinguem um do outro. É a individualidade do ser humano que estabelece os limites entre o ser animal e o ser humano.²¹

A originalidade de Edith Stein consiste no sério exame das argumentações do pensamento medieval. Tomás de Aquino consente a Edith Stein de entrar no território metafísico. A doutrina tomista acrescentou, para a filósofa, especificações interessantes acerca das dimensões do ser humano e do princípio de individuação, segundo o qual a matéria deve ser considerada como fundamento do ser individual. Busca a solução desse problema no fato de que a matéria, como matéria extensa e como indeterminação determinável, tem necessidade da forma como seu princípio de individuação, em tal maneira se encaminha, na perspectiva de Duns Scoto.

spirituale; si configura, pertanto, como un 'microcosmo', potendosi elevare fino a raggiungere le vette della vita spirituale oppure degradarsi fino ad assomigliarsi ai bruti.” (STEIN, 2000, p. 17; p. 76-80).

¹⁹ STEIN, 2000, p. 63.

²⁰ “*La forza vitale, l' 'anima', fa del corpo umano un organismo. Quando in esso viene meno la vita, rimane solo una cosa materiale come le altre.*” (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 77).

²¹ STEIN, 2000, p. 84-88.

Para Edith Stein, o Eu nasce da possibilidade espiritual reflexiva do ser humano, que pode perpassar todas as dimensões para captar o seu significado e se articula no Eu puro, estrutura presente em todos os seres humanos, e no Eu individual, de cada singularidade. Aqui se coloca o termo consciência, compreendida como uma luz interior que acompanha todas as vivências. É necessário explicar o significado da alma. Disso se percebe que estamos diante de uma estrutura complexa, por isso cada parte possui seu significado.

Nesse ponto, é preciso enfatizar que a impositação fenomenológica da filósofa não implica a redução da existência aparente e, dessa forma, não deve ser absolutamente confundida com fenomenismo. A fenomenologia opõe-se ao empirismo, ao psicologismo, ao racionalismo e ao idealismo enquanto buscam apreender a inteira realidade entre esquemas prefixados.

Nas primeiras décadas do século XX, de maneira mais acurada do que outros filósofos, Edmund Husserl viu a ameaça à cultura europeia condicionada pela crise da filosofia que, para ele, consistia essencialmente na ameaça à cientificidade da filosofia. Não compartilha a resignação nem o pessimismo do existencialismo diante da crise da civilização do nosso tempo, ou seja, da crise das ciências europeias. Para o fenomenólogo, a crise das ciências europeias situa-se “não nos fundamentos teóricos, mas no fracasso das ciências na compreensão do homem”²².

Ele sustenta que:

A origem da crise é a convicção de que “a verdade do mundo apenas se encontra no que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva”, ou seja, no objetivismo. Este põe de lado as questões decisivas para uma autêntica humanidade. Com isso, a ciência perde importância para a vida e o mundo.²³

A fenomenologia de Edmund Husserl apresenta-se como uma pesquisa teórica que se situa dentro e fora da filosofia ocidental; seu ponto de partida é a busca do significado das coisas mesmas, das práticas culturais que caracterizam o ser humano na tentativa de se orientar no mundo. Por essa razão, Angela Ales Bello afirma que

[...] é necessário um trabalho de escavação, uma regressão na busca de um “território” [...] que pode ser considerado um território especulativo. No curso de sua pesquisa filosófica, ele [Husserl] tem individuado esse território que nos permite entrar na complexidade do real no ser humano, na natureza e em Deus. Para Edmund Husserl, não é possível tratar do sentido dessas questões sem antes não nos perguntar *quem* é aquele que busca tal sentido.²⁴

²² HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 41.

²³ HUSSERL, 2008, p. 41.

²⁴ ALES BELLO, Angela. **Edmund Husserl. Pensare Dio-Credere in Dio**. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2005. p. 12.

É manifesto que nem todos os princípios da fenomenologia foram aceitos pelos pensadores contemporâneos que se utilizaram dela para suas pesquisas. A partir de 1913, duas foram as direções tomadas diante da investigação fenomenológica: uma idealística e outra realista. A idealista foi percorrida nos últimos trabalhos do fenomenólogo, que se encontra diante da consciência transcendental, a qual constitui o significado das coisas, das ações e o sentido do mundo. “Nesta etapa, Edmund Husserl centra a análise fenomenológica sobre o sujeito como suporte do ato de consciência e instância constituinte do sentido do mundo. [...]. O ego transcendental age como suporte das vivências da consciência.”²⁵ A realista foi tratada por Max Scheler, que se voltava para os valores objetivos, hierarquicamente ordenados, que se impõem à intuição emocional.

Edith Stein compreende profundamente a fenomenologia do mestre. Diferente de seus colegas de Göttingen, do próprio Heidegger, além da sua formação filosófica com o mestre, ela atuou diretamente com ele. A fenomenologia encontra nela um terreno fértil para o seu desenvolvimento. No seu primeiro trabalho sobre a empatia, usa com acuidade o método fenomenológico e, antes ainda de delinear o ato empático, faz uma descrição detalhada do método que teria utilizado para sua compreensão. No estudo da empatia, ela se serve da análise essencial de Edmund Husserl com a sucessiva eliminação de tudo aquilo que não possui o caráter de evidência.

Dessa forma, busca esclarecer a natureza do ato empático, seu processo de atuação, o momento em que ele se realiza e como é vivido na sua máxima plenitude.²⁶ Diferentemente de Theodor Lipps e de Edmund Husserl, utiliza a “*époche*” para explicar o processo de atuação do mesmo. Para tomar consciência de si mesma, a pessoa deve colocar “entre parênteses” o mundo e o seu ser no mundo. Deve partir de si mesma, observar o *ser* na experiência cotidiana, contemplando-o como um todo. Essa atitude consente o retorno às coisas; dá ao indivíduo a possibilidade de acolhê-las no seu manifestar-se.²⁷ Nisto consiste talvez o aspecto mais interessante da fenomenologia: a busca do realismo. Cabe ressaltar que o método fenomenológico, aplicado ao estudo do sujeito humano, elimina a tentação de olhar com superficialidade as dinâmicas internas e externas do sujeito, motivam pousar nosso olhar sobre a real existência de cada um.

Desse modo, a reflexão fenomenológica é, para Edith Stein, um método de pesquisa que pressupõe a luz de tudo quanto Edmund Husserl afirmou, um *ir*

²⁵ HUSSERL, 2008, p. 40.

²⁶ COSTANTINI, Elio. L'empatia, conoscenza dell'io estraneo. Husserl e Edith Stein. In: **Studium**, Roma, p. 74-75, 1985.

²⁷ STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica**. Roma: Città Nuova, 1996. p. 149-161. Título original: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. In: Zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p.1-283). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.

dentro das coisas, partindo de uma estável base de experiência, a qual constitui a fonte e a base de todo o saber sobre os objetos; mas isso não significa afirmar que existe apenas um único tipo de experiência e que essa experiência é a percepção dos sentidos, externos e internos, como afirmam os empiristas. Para os fenomenólogos, a “experiência direta” é toda e qualquer ação de conhecimento em que o objeto se dá diretamente, de forma “originária”, ou seja, “corporalmente autopresente”²⁸. Existem muitas variantes de experiência na qual se dão os objetos individuais, como, por exemplo, a experiência dos fatos psíquicos individuais do outro, a experiência estética, pela qual se dão as obras de arte, etc.²⁹

Mesmo que Edith Stein tome uma posição de continuidade-distanciamento com seu mestre, ela continuará fiel ao seu método até a morte. Se confrontarmos seu pensamento com algumas posições da filosofia ou teologia contemporâneas, num primeiro momento, se nos apresenta inatual: por ser muito elaborado para quem cedeu à luta pela compreensão da realidade; muito ligado à tradição, para quem criticou a metafísica ocidental; espiritualista por aqueles que vacilam entre teologia e psicologia; muito feminino para quem considera a busca intelectual uma peculiaridade masculina. Mas é essa conotação feminina que nos consente compreender a abrangência dos campos de sua pesquisa, dos problemas, das dimensões encontradas em suas obras. Essa abrangência a conduz a percorrer os caminhos da experiência religiosa. O mundo-da-vida, as ciências, o patrimônio artístico-cultural de uma civilização continuam se propondo incansavelmente como um desafio com relação aos nossos valores. Tais valores podem encontrar respostas carregadas de sentido em filosofias e pensadores que não sejam contaminados por dualismos do tipo teoria e práxis, determinismos e finalismos.

²⁸ “Ao falar de caráter originário, não é preciso nem se deve pensar numa gênese psicológico-causal ou histórico-evolutiva. O outro sentido é visado aqui, isso só mais tarde será traduzido à clareza reflexiva e científica. Qualquer um, no entanto, pode, desde já, sentir que a antecedência do conhecimento-empírico concreto dos fatos em relação ao outro conhecimento, por exemplo, em relação ao conhecimento matemático-ideal, não precisa ter nenhum sentido temporal objetivo.” (HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução Marcio Suzukij, 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006. p. 33, nota 4).

²⁹ “A intuição doadora na primeira esfera natural de conhecimento e de todas as suas ciências é a experiência natural, a experiência originalmente *doadora* é a *percepção*, a palavra entendida em seu sentido habitual. Ter um real originariamente dado, ‘adverti-lo’ ou ‘percebê-lo’ em intuição pura e simples é a mesma coisa. Temos experiência originária das coisas físicas na ‘percepção externa’, não mais, porém, na recordação ou na expectativa antecipatória; temos experiência originária de nós mesmos e de nossos estados de consciência na chamada percepção interna ou de si, mas não dos outros e de seus vividos na ‘empatia’. ‘Observamos o que é vivido pelos outros’ fundados na percepção de suas exteriorizações corporais. Essa observação por empatia é, por certo, um ato intuidor e doador, porém não mais *originariamente* doador. O outro e sua vida anímica são traduzidos à consciência como estando ‘eles mesmos ali’, e junto com o corpo, mas, diferentemente deste, não como originalmente dado” (HUSSERL, 2006, p. 33-34).

Diferenças de gênero na perspectiva fenomenológica

A pessoa humana³⁰ é examinada por Edith Stein nas mais variadas dimensões: corpo, alma, espírito, valores, relação com os outros e com Deus. Sua pesquisa é um exemplo de análise que conduz o leitor pela mão na complexidade do ânimo humano, não partindo da convicção que sabe já aquilo que é, mas com a disponibilidade para colher tudo aquilo que se manifesta no encontro com a experiência do “outro”. Sua pesquisa é válida tanto para os cultores das ciências humanas, quanto para psicólogos, historiadores e pedagogos, conquanto não se limite apenas à descrição das potencialidades cognitivas e/ou afetivas, mas leve a investigar as estruturas profundas que estão na base de cada pessoa humana, a ponto de querer compreender o outro na sua humanidade.

O ser humano é estudado sob diversos ângulos, mas sempre numa visão unitária de natureza humana. No processo de sua investigação, Edith Stein afirma a necessidade de considerar a pessoa como “realidade única”, como “*unidade de corpo vivente e alma*”³¹. A diferença dos outros fenomenólogos, cujo ponto de partida é a consciência [para estudar o ser humano], ela parte do corpo. Duas são as razões dessa escolha: a primeira, porque o corpo sempre foi considerado, na história da filosofia ocidental, como cárcere da alma, lugar de pecado; a segunda, porque o corpo representa aquilo que nos torna visíveis e nos manifesta aos outros e “é a ponte que nos permite chegar às vivências dos outros seres humanos, na sua interioridade”³². O conhecimento fenomenológico do nosso corpo terá consequências não somente na filosofia e na antropologia, na ética e na moral, como também nas ciências que têm por objeto o estudo do corpo humano³³, ou seja, as ciências biológicas.

O corpo humano, considerado como matéria vivente, representa o primeiro passo para distinguir nosso corpo dos outros que vemos ao nosso lado no nosso viver cotidiano. Cada movimento do nosso corpo é animado, e a unidade do corpo vivente

³⁰ Quando Edith Stein fala de sujeito, ou melhor, “de pessoas”, entende dizer os seres humanos no mundo: nós mesmos ou os outros, que são nossos semelhantes. (Cf. STEIN, 1998, p. 145).

³¹ “*È altrettanto certo considerare la persona umana come ‘realtà unica’, come unità di corpo vivente ed anima.*” (Tradução nossa). (STEIN, 1998, p. 146).

³² “[...] *è il ponte che ci consente di giungere ai vissuti degli altri esseri umani, alla loro interiorità.*” (Tradução nossa). (PEZZELLA, Ana Maria. **L’Antropologia filosofica di Edith Stein**. Indagine fenomenologica della persona humana. Roma: Città Nuova, 2003. p. 49. Prefazione di Angela Ales Bello.

³³ O método fenomenológico dá um novo estatuto ao corpo humano e assim também à relação corporeamente que, na filosofia e na cultura moderna, eram muito dualistas. “Ao pronunciar a palavra ‘Eu’, e pensá-la inserida na autopercepção, a atividade da consciência se desloca de um ‘Eu sou o meu corpo’ a um ‘Eu tenho o meu corpo’. O homem, na sua plenitude, não é apenas mente e, consequentemente, podemos dizer ‘eu não sou uma mente’, mas ‘eu tenho uma mente’, nem só corpo; e, ainda, na sua forma moral, a autopercepção toma a forma de juízo de um eu julgo, eu sinto, eu acredito, eu quero etc.; assim como essa mesma unidade ‘eu-homem’ se torna relativa à autoconsciência do ‘Eu sou feito assim e assim.’” (Cf. BIANCHI, I. A. **Ética Husserliana**. Studio Manoscritto inediti degli anni 1920-1934. Milano: Franco Angeli, 1999. p. 182-183).

se reconstitui como unidade de multiplicidade. O ser humano, como qualquer ser vivente, é dotado de um corpo material que, submetido às leis físicas da natureza, é uma coisa material (*Körper*). O corpo vivente do ser humano é capaz de expressar a vida interior; esse é o *medium* por meio do qual se dá tudo o que uma pessoa sente: a alegria, a tristeza são percebidas imediatamente no rosto do outro.

O corpo representa assim o lugar onde se manifestam a alma e o espírito. É por meio do corpo que se manifesta a vida do eu psicofísico e espiritual. A corporeidade representa o ponto central das análises fenomenológicas de Edith Stein e constitui a base para o estudo do sujeito na sua singularidade e na sua dimensão intersubjetiva.

A relação empática permite a superação da solidão, da qual parece constituído o ser humano e o abre à comunhão com o outro. “Encontramos o ser humano, nós mesmos e os outros, sempre inseridos no meio do mundo. Sua existência é existência num mundo e sua vida é vida em comunidade.”³⁴

Edith Stein propõe uma reflexão filosófico-antropológica em chave cristã sobre o sentido da corporeidade. Trata-se de um tema de grande relevância, hoje emergente nos estudos da teologia moral e dogmática, da espiritualidade e das ciências religiosas e humanas. A análise fenomenológica com ênfase no espírito e no mundo dos valores possibilitou-lhe uma complementação da visão psicofísica do ser humano, advinda da psicologia.³⁵

Para a autora, o tema da corporeidade é fundamental na compreensão do mistério da redenção. A salvação entra potentemente na história por meio de Maria que gera o Filho de Deus. Uma mulher oferece sua colaboração para a fundação do reino de Deus e a redenção chega até nós por meio do novo Adão. Nessa mesma linha de pensamento, a autora reflete também sobre a diferença sexual, sobre as modalidades do ser humano de se relacionar com o mundo e com os outros. Com a fenomenologia da corporeidade chega a estabelecer o significado da natureza e da essência da mulher e analisa as características dos dois sexos.

Para Edith Stein, a essência do ser humano se realiza em duas espécies: espécie *veril* e espécie *muliebre*. Sua essência se exprime em dois modos diferentes e somente a inteira estrutura torna evidente a marca específica.³⁶ O homem e a mulher são seres humanos, criados à “imagem e semelhança de Deus”, mas, ao mesmo tempo, criados com peculiaridades próprias para constituir, um para o outro, uma ajuda na realização do próprio ser.

³⁴ “Troviamo l’essere umano – noi stessi e gli altri – sempre inserito all’interno di un mondo umano. [...] La sua esistenza è esistenza in un mondo, la sua vita è vita in comunità.” (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 187).

³⁵ MANGANARO, Patrizia. L’Einführung nell’analisi fenomenológica di Edith Stein. Una fondazione dell’alterità personale. In: **Aquinas**. Revista internazionale di filosofia. Roma: Pontificia Università Lateranense, Anno XLIII, Fascicolo 1, p. 118-119, (101-120), 2000.

³⁶ ALES BELLO, Angela. **Edith Stein. La passione per la verità**. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003. p. 78.

As diferenças de gênero³⁷ não são secundárias e tanto menos supérfluas, pois são diferenças essenciais, dizem respeito à estrutura do ser humano. Se quisermos compreender *quem/como* é o ser humano, é necessário individualizar as diferenças de gênero, considerando sempre, nessas diferenças, a possibilidade de uma complementação e comunhão de características, porque

nenhuma mulher é somente mulher; cada uma possui inclinações e dons naturais como os homens, e estes dons a tornam apta para as várias atividades profissionais, tanto de caráter artístico quanto científico e técnico. Em linha de máxima, a disposição individual pode orientar a preferência para qualquer campo, também para aquele que está longe das características femininas³⁸.

Edith Stein apresentou-se como uma mente precursora, como um “sinal dos tempos”, pelo modo como tratava a questão da mulher. Sua postura nos remete ao nosso contexto socioeducativo e religioso, no qual a presença da mulher ainda é considerada, em alguns momentos, secundária.

Considerações finais

O estudo da questão de gênero, ou seja, da dimensão do feminino, em Edith Stein obriga a voltar às origens da antropologia cristã, possibilitando o resgate teológico e filosófico da pessoa humana nas suas dimensões subjetivas e intersubjetivas. Os dois grandes pilares da revelação hebraico-cristã, o pecado original e a encarnação de Cristo, tornam-se o fundamento de sua antropologia cristã, assim como uma contribuição para se posicionar diante das antropologias contemporâneas.

Edith Stein assume uma postura própria diante do feminismo ocidental do século XX: a diferença dos movimentos que se empenhavam na luta pela conquista dos direitos das mulheres, ela reflete sobre a natureza, a peculiaridade própria da mulher e foi uma das pioneiras no aprofundamento da situação da mulher na igreja e na sociedade. Nos seus escritos, aprofunda a natureza humana na sua dualidade masculina e feminina, descreve de modo essencial as esferas psíquica e espiritual, os momentos constitutivos da comunidade, as formas de vida associada, as normas que regulamentam as relações intersubjetivas, a autonomia do sujeito tanto na esfera da ética individual quanto na esfera religiosa.

³⁷ Na época de Edith Stein não se utilizava ainda o conceito de gênero para dizer a diferença entre o ser masculino e o ser feminino. Ela utilizava a expressão masculino e feminino. Seu pensamento, todavia, se apresentava avançado para a sua época na questão de gênero.

³⁸ STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 52. Tradução de: “Die Frau, ihre Aufgabe nach Natur und Gnade”. “Edith Steins Werke“, v. V, edite a cura di L. Gelber; P. Romaeus Leuven. Nauwelaerts, Lovanio 1959. Tradução Alfred J. Keller.

Referências bibliográficas

- ALES BELLO, Angela. **Edmund Husserl**. Pensare Dio-Credere in Dio. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2005.
- _____. Apresentação. In: STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito**. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: Città Nuova, 1996. Título original: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. In: Zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p. 1-283). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Tradução dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.
- BIANCHI, I. A. **Ética Husserliana**. Studio Manoscrito inediti degli anni 1920-1934. Milano: Franco Angeli, 1999.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- _____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução Marcio Suzukij. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- MANGANARO, Patrizia. L’Einfühlung nell’analyse fenomenológica di Edith Stein. Uma fundazione dell’alterità personale. In: **Aquinas**. Revista internacional di filosofia, Roma: Pontificia Università Lateranense, Anno XLIII, 2000, Fascicolo 1, p. 118-119 (101-120), 2000.
- PERETTI, Clélia. **Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica**. 2009. 302f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.
- PEZZELLA, Ana Maria. **Edith Stein fenomenologa**. Roma: Pontificia Universidade Lateranense, 1995. p. 2. (Theses ad Doctoratum in Philosophia).
- _____. **L’Antropologia filosofica di Edith Stein**. Indagine fenomenologica della persona humana. Roma: Città Nuova Editrice, 2003. Prefazione di Angela Ales Bello.
- STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Tradução de: “Die Frau, ihre Aufgabe nach Natur und Gnade”. “Edith Steins Werke“, v. V, edite a cura di L. Gelber; P. Romaeus Leuven. Nauwelaerts, Lovanio 1959. Tradução Alfred J. Keller.
- _____. **Essere finito e Essere Eterno**. Per una elevazione dell’essere. Roma: Città Nova, 1988. Título Original: Endliches und ewiges Sein – Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. “Edith Steins Werke“, v. II, edite a cura di L. Gelber e P. Romaeus Leuven. 3. ed. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1986. Traduzione dal tedesco di Luciana Vigone e Revisione e Presentazione di Angela Ales Bello.
- _____. **La struttura della persona umana**. A cura di Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2000. Título original: Der Aufbau der menschlichen Person. Traduzione Italiana di M. D’Ambra.

STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito**. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: Città Nuova, 1996. p. 5. Titolo originale: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. In: Zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p. 1-283). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.

_____. **Una ricerca sullo Stato**. Roma: Città Nuova Editrice, 1993. A cura di Angela Ales Bello. Titolo originale: Eine Untersuchung über den Staat. In: Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften – Eine Untersuchung über den Staat (p. 285-407). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1970. Traduzione da Tedesco di Angela Ales Bello.

VIGONE, Luciana. **Il pensiero filosofico di Edith Stein**. Roma: Città Nuova, 1973.